Tratado sobre a origem da alma humana

Santo Agostinho

VALDEMAR TEODORO EDITOR
Niterói - Rio de Janeiro - Brasil

Santo Agostinho

Tratado sobre a origem da alma humana

Tradução: Souza Campos, E. L. de

VALDEMAR TEODORO EDITOR

Niterói - Rio de Janeiro - Brasil

2026

Créditos

Traduzido do latim para o francês pelo Abade Bareille in *Œuvres Complètes de Saint Jérôme*. Paris, 1878. Louis Vivès, Libraire-Éditeur.

Tradução, edição e notas suplementares: Souza Campos, E. L. de

© 2026 Valdemar Teodoro Editor: Niterói – Rio de Janeiro – Brasil.

Toda cópia e divulgação são permitidas, desde que citada a fonte.

Capa: Ícone pintado por Philippe Grall. A pequena oliveira, cujo ramo foi cortado, é referência àquela sob a qual Santo Agostinho meditava na Igreja na África do Norte. Depois de morrer, deu origem a um novo ramo. Os oito ramos representam os monges trapistas martirizados do mosteiro de Nossa Senhora do Atlas, de Thibirine, Argélia e do Bispo Claverie. Este ícone foi concluído quando o Papa Bento XVI visitava Hagia Sophia em Constantinopla, na festa de Santo André, 30 de novembro de 2006.

Tratado sobre a origem da alma humana

Santo Agostinho

Carta 130 (166)[1] – De Santo Agostinho a São Jerônimo. Ano 414-415.

Passando em revista as diversas opiniões sobre a origem da alma, ele expressa o desejo de saber qual é a que ele deve abraçar e como se pode se defender contra o erro dos pelagianos, que São Jerônimo insinua como sendo o dele, em uma carta precedente (Carta 125), ou seja, que cada alma recebe a existência na medida em que os corpos vêm ao mundo.

01

Eu rezei e rezo ainda para nosso Deus, que nos chamou para seu Reino e para sua glória, pedindo que ele faça frutificar, para nós, o que eu lhe escrevo, venerável irmão Jerônimo, para consultá-lo sobre uma coisa que me é desconhecida. Em-

[1] Numeração das Cartas de Santo Agostinho publicadas em *Œuvres complètes de Saint Augustin*, por M. Poujoulat et de M. l'abbé Raulx. Bar-le-Duc, 1864-1872.

bora sua idade seja muito mais avançada do que a minha, eu mesmo já velho[2], recorro aos seus conselhos.

Mas, para aprender uma coisa necessária, não é a idade que eu devo olhar como muito avançada. Mesmo que convenha melhor aos idosos ensinar do que aprender, é melhor para eles, no entanto, aprender do que ensinar o que eles não sabem.

Entre tantas angústias que me fazem sentir as mais difíceis questões, nada me é mais penosos do que viver longe do seu amor. Eu mal posso lhe fazer chegar minhas cartas e receber as suas e não no intervalo de um grande número de dias ou meses, mas mesmo de alguns anos, quando eu gostaria, se fosse possível, de tê-lo sempre presente e de falar com você com toda a liberdade.

Isto não era motivo, no entanto, de não fazer o que eu devia se eu não podia fazer tudo o que eu gostaria.

02

Então, eu recebi a visita de um piedoso rapaz, nosso irmão pela integridade da fé, nosso filho pela idade e nosso colega no sacerdócio. Ele se chama Orósio. Tem um espírito ativo, palavras fáceis, zelo ardente, desejando ser um vaso útil na

[2] São Jerônimo (347-420) tinha cerca de 68 anos quando esta carta foi escrita e Santo Agostinho (354-430) tinha cerca de 61 anos.

Casa do Senhor, para refutar as falsas e perniciosas doutrinas que atingiram de morte as almas na Espanha, muito mais perversamente do que as espadas dos bárbaros feriram os corpos.

Foi de lá, das margens do Oceano, que ele veio até nós, convencido pela fé no renome de que poderíamos instruí-lo sobre tudo o que ele desejava saber. Ora, ele não colheu, de sua viagem, nenhum fruto.

Primeiramente, eu o desenganei sobre a opinião tão positiva que se tem sobre mim. Depois, eu o instruí em tudo o que eu mesmo sabia e, quanto ao que eu não sabia, eu lhe disse onde poderia aprender, o exortando a ir para junto de você.

Como ele aceitou de bom grado o meu conselho ou o meu preceito, eu lhe pedi que retornasse para me ver, depois dessa viagem, quando ele retornasse à pátria dele. Obtendo esta promessa, acreditei que esta era uma oportunidade que o Senhor me concedera para lhe escrever e lhe pedir as luzes de que preciso.

Eu procurei, de fato, quem eu pudesse lhe enviar e não encontrei facilmente uma pessoa apta para esta missão, digna de confiança, que quisesse seguir minha vontade e fosse livre para realizar tal viagem.

Assim, desde que vi de perto esse rapaz, não me foi possível duvidar de que fosse esse que eu pedira ao Senhor.

03

Aceite então meu pedido e não recuse o trabalho que exigirá esta discussão, com o objetivo de me esclarecer. A questão da alma preocupou muitas mentes e eu admito que sou uma delas.

Eu não me calarei, inicialmente, sobre o que tenho como absolutamente certo. Depois, eu lhe direi quais são as dúvidas que me restam e das quais eu gostaria de me livrar.

A alma humana é imortal, mas de uma maneira própria e determinada. Não sob todas as relações, como Deus, sobre o qual foi dito: *O único que possui a imortalidade*[3].

As Santas Escrituras falam muitas vezes de almas que morrem. Assim é nesta passagem: *Deixe que os mortos enterrem seus mortos*[4].

Mas, se a alma morre, ao se afastar da vida divina, mas de uma maneira tal, no entanto, que ela não deixa de viver em sua própria natureza, é evidente que ela é mortal em certos aspectos, mais que devemos considerá-la como imortal propriamente.

A alma não é uma porção da divindade. Se ela o fosse, ela seria, por isto mesmo, absolutamente imutável e incorruptível.

[3] 1 Timóteo 6: 16.
[4] Mateus 8: 22 e Lucas 9: 60..

Se ela o fosse, ela não poderia se deteriorar e nem se aperfeiçoar. Ela seria incapaz de adquirir uma coisa que ela não tivesse ou de perder o que ela tivesse, no que diz respeito aos seus afetos e à sua maneira de ser.

Que ela seja diferente disto, não é necessário demonstrar com testemunhos extrínsecos, pois todos reconhecem isto ao pensarem em si mesmos.

Inutilmente, aqueles que pretendem que a alma é uma porção da divindade atribuirão, não à sua própria natureza, mas à do corpo, a mancha e a degradação que nos atingem nas pessoas perversas e a fraqueza e a enfermidade que sentimos em todas as pessoas.

O que importa de onde vem a doença em um ser que não poderia, de forma alguma, ser doente se ele não fosse sujeito à mudança, já que o que é realmente imutável e incorruptível não pode sofrer uma ação que o altere e o corrompa?

Se a alma estivesse acima de toda ação desta natureza, a invulnerabilidade não seria mais o privilégio do fabuloso Aquiles e toda carne a possuiria propriamente.

Um ser que é, de alguma maneira, sob certos aspectos, em certos casos, sujeito à mudança, não é então imutável e, como seria impiedade recusar a Deus a verdadeira e suprema

imutabilidade, disto resulta que a alma não é uma porção da divindade.

04

Quanto à imaterialidade da alma, este é um ponto com o qual as mentes grosseiras têm dificuldade em concordar, mas que é, a meu ver, plenamente demonstrado.

Evitemos, primeiramente, levantar uma discussão inútil sobre palavras ou dar motivo para ela. Para que discutir sobre palavras, quando se está certo nos próprios fundamentos?

Se você entende por corpo tudo o que é substância ou essência ou tudo o que subsiste em si mesmo, seja qualquer nome que você acreditar ter que justamente lhe atribuir ___ e, neste caso, a alma ___ trata-se de um corpo.

Da mesma forma, se você acredita só dever qualificar de incorpóreo o ente que é soberanamente imutável e presente inteiramente em todos os lugares, a alma é corpórea, porque ela não pode reunir estes atributos.

Mas se, por corpo, você entende uma coisa extensa, que tem altura, largura e profundidade, que ocupa um espaço e se move, de uma maneira tal que, a maior parte dessa coisa corresponde a um maior espaço ocupado, a menor parte ocupa o menor espaço e ela ocupa um espaço menor com uma de suas partes do que com seu todo, a alma, neste caso, não é corpórea,

pois ela ocupa inteiramente o corpo que ela anima e não por uma difusão total, mas pela ação vital que ela exerce nele.

Ela está presente inteiramente em cada uma de suas partes. Ela não é maior nas partes grandes e nem menor nas partes pequenas. Exercendo sua ação, uma hora com mais energia e outra hora, com menos energia, ela está inteiramente em cada uma das partes do corpo e inteiramente em todas essas partes. Sensível ao que se passa mesmo em uma simples parte do corpo, ela sente muito exatamente a impressão produzida e ela a sente nela inteiramente.

Toque em um ponto imperceptível, se você quiser, de um corpo vivo. A alma inteira é avisada disto e a impressão, longe de percorrer todas as partes do corpo, é sentida lá onde ela foi causada.

Como então uma impressão que só afeta uma parte do corpo chegaria em um instante à alma inteira, se a alma não estivesse inteira onde a impressão foi produzida, sem deixar, por isto, as outras partes, pois estas não deixam, por isto, de viver, sob a ação de sua presença, mesmo que nenhuma impressão semelhante as tenha afetado?

Suponha que acontecesse diferentemente e uma dupla impressão afetasse simultaneamente duas partes diferentes do

corpo. A alma seria imediatamente advertida, com isto, inteiramente.

Ora, ela não poderia estar inteiramente, ao mesmo tempo, em todas as partes do corpo e em cada um delas, se ela estivesse nele como os corpos estão no espaço, ocupando uma extensão proporcional à sua maior ou menor dimensão.

Se então é preciso qualificar a alma de corpórea, seguramente ela não o será como são os corpos que vemos na terra, na água, no ar e no éter. Todos esses corpos ocupam um espaço em relação com suas dimensões; grande, se eles são grandes e pequenos se eles são pequenos, sem estarem jamais inteiramente em cada uma de suas partes. Às partes do espaço corresponde cada uma das partes desses corpos.

Seja qual for o nome que você dê à alma, se você a qualifique de corpórea ou de incorpórea, permanece estabelecido que ela possui uma natureza própria cuja substância é muito mais perfeita do que os grosseiros elementos deste mundo visível. Essa substância, nós jamais chegaremos a representá-la com a ajuda das imagens corpóreas que recolhemos por meio dos sentidos. Só podemos concebê-la através da razão e sentir sua presença com a presença da vida.

Ao dizer estas coisas, eu não pretendo lhe ensinar o que você sabe, aliás, muito bem, mas lhe expor minha convicção,

firmemente estabelecida, sobre a natureza da alma. Não poderão, quando eu chegar ao objetivo a que me propus, me considerarem como não tendo, sobre esta questão, nenhuma ideia do que nos ensina a razão ou a fé.

05

Uma coisa certa, aos meus olhos, é também esta: se uma alma caiu no pecado, isto não é culpa de Deus e nem por força da necessidade vinda de Deus ou da criatura, mas é culpa da vontade pecadora.

Ela não poderia também ser libertada desse corpo de morte pela virtude de sua própria vontade, que não pode bastar para esta tarefa e nem mesmo pela morte corpórea, mas pela graça que nos fez merecer Jesus Cristo Nosso Senhor.

Por fim, não há uma só alma na humanidade inteira que não tenha absolutamente necessidade, para se salvar, de Cristo Jesus, o Mediador entre Deus e a humanidade.

Toda alma que sai deste corpo, não importa em que momento da vida, sem a graça do Mediador e sem a virtude dos seus sacramentos, está destinada à pena futura e, no julgamento final, ela só se reunirá ao corpo para sofrer essa pena.

As almas que, pelo contrário, depois do nascimento que tiveram em Adão, renasceram em Cristo e permaneceram em sua comunhão, tomarão, depois da morte temporal, posse do

repouso e partilharão de sua glória, com seus corpos ressuscitados.

Estes são os pontos que eu vejo como solidamente estabelecidos sobre a questão da alma.

06

Eu chego agora à dificuldade que desejo lhe submeter. Não aproveite esta oportunidade, eu lhe peço, para me desprezar e condescenda não desprezar também Aquele que sofreu por nós todo tipo de desprezo.

Eu pergunto então como a alma pôde contrair a culpa que a arrasta para sua condenação, mesmo nas crianças surpreendidas pela morte sem que tenham recebido, com o sacramento do batismo que se dá mesmo às criancinhas, a graça de Cristo.

Eu sei que você não é um desses novatos que ultimamente afirmam que não recebemos de Adão nenhuma culpa que precise do batismo para ser apagada nas crianças. Se eu soubesse que você compartilha desta opinião __ ou melhor, se eu não estivesse convencido de que você não compartilha desta opinião __ eu não lhe teria submetido esta dificuldade e nem teria pensado em submetê-la.

Mas sabemos sua doutrina sobre este ponto. Sabemos que ela é conforme à doutrina tão solidamente estabelecida da fé católica. Ao refutar as afirmações inconsideradas de Jovini-

ano, você invocou este testemunho de Jó: “Ninguém é puro aos seus olhos, nem mesmo uma criança, cuja vida na terra dura apenas um dia”[5].

Depois, você acrescentou: “Temos a mesma culpa que Adão prevaricador”.

Em seu Comentário ao Livro do Profeta Jonas, você trouxe este ponto à luz plena. Foi com justa razão, você diz lá, que as crianças foram admitidas ao jejum: por causa da culpa original[6].

Você nos explicará então facilmente como a alma contraiu essa culpa que torna a graça do sacramento do batismo tão necessária às crianças, mesmo na mais tenra idade.

07

Em um tratado que escrevi há alguns anos sobre O Livre Arbítrio, tratado que foi muito difundido depois e que agora está em numerosas mãos, eu examinei quatro opiniões sobre a união da alma com o corpo humano.

Todas as almas nascem da alma dada ao primeiro ser humano ou, a cada corpo humano é dada uma alma de criação

[5] Cf. Jó 14: 4. *Quem pode ser livre da impureza? Ninguém! Mesmo que sua vida na terra seja apenas de um dia.*
[6] Cf. Romanos 5: 14. *Desde Adão até Moisés reinou a morte, mesmo sobre aqueles que não pecaram à imitação da transgressão de Adão.*

nova? Essas almas existiam em outro lugar anteriormente? Elas são unidas ao corpo pela vontade expressa de Deus ou elas se unem a ele por um impulso próprio?

Ora, eu tratei esta questão de uma maneira tal que, onde quer que se encontrasse a verdade, nada resultava favorável à luta que então travava, com todas as minhas forças, contra os sectários que opõem a Deus um princípio fonte e autor do mal. Quero dizer, contra os maniqueístas.

Eu não tinha ainda ouvido falar dos priscilianistas, cujos erros se aproximam muito desta doutrina ímpia. Foi por isto que não mencionei a quinta opinião, que você acrescentou às outras, para não omitir nenhuma delas, no tratado que você escreveu em resposta à questão que dirigiu a Marcelino, homem de santa memória e que nos é caríssimo em Cristo, ou seja, que a alma não é uma porção da divindade.

Primeiramente, essa questão tratou da natureza da alma e não de sua encarnação. Além disto, esta opinião era a dos sectários que eu combatia, com vista a desligar a natureza santíssima e imutável do Criador de toda solidariedade com os vícios e as impurezas da criatura.

Eles, pelo contrário, afirmam que o mal ao qual eles atribuem um princípio e uma sobrevivência próprios corrompe e

altera a porção do princípio bom que forma a criatura e a arrasta, necessariamente, ao pecado.

Colocando de lado esta opinião herética e errônea, eu gostaria de saber qual das outras opiniões merece a preferência. Seja qual for, longe de mim a ideia de abalar o ponto da fé do qual estamos seguros: que a alma de toda pessoa, mesmo da criança mais tenra, precisou ser libertada da escravidão do pecado e que ela só pode ser libertada dela por Jesus Cristo e Jesus Cristo crucificado.

08

Para ir direto ao ponto, você certamente é da opinião de que Deus cria as almas, mesmo agora, na medida em que vem uma pessoa ao mundo. Indo à frente da opinião de que Deus colocou um selo em sua obra criadora no sexto dia e repousou no sétimo, você retira do Evangelho este testemunho: *Meu Pai continua agindo até agora*[7].

E você o citou em sua carta a Marcelino. Nessa carta, você condescendeu fazer a menção mais benevolente sobre mim. Era fácil para ele ter, na África, a solução de todas estas questões, pois lá estava Agostinho, você disse.

[7] João 5: 17.

Se eu pudesse tê-la dado a ele, ele não a teria perguntado a você, afastado de você como ele estava. Se é que, todavia, ele lhe escreveu da África.

De fato, ignoro em que época ele lhe enviou essa carta. O que sei é que ele estava focado em minhas dúvidas sobre este tema. Foi por isto que ele quis lhe escrever sem meu conhecimento.

Se ele me tivesse consultado, eu teria estado, no entanto, muito envolvido e lhe teria agradecido pelo serviço que prestava a todos nós, a menos que você não se contentasse com um curto bilhete, invés de uma resposta real.

Com isto, você estaria se propondo evitar um trabalho supérfluo, estando eu mesmo à disposição e conhecendo a fundo ___ ao menos em sua crença ___ a matéria sobre a qual ele o consultava.

De bom grado, essa opinião seria a minha. Mas não há ainda motivo suficiente para que ela o seja.

09

Você me enviou discípulos para que eu lhes ensine o que eu ainda não aprendi. Instrua-me, para que eu instrua em seguida.

Muitos me pedem para instruí-los sobre esses temas e eu devo lhes confessar que ignoro essas coisas e muitas outras ainda.

Sem dúvida que eles não me provocam esta confusão diretamente. Mas eles pensam: *És doutor em Israel e ignoras estas coisas!...*[8]

Esta resposta, o Senhor deu a um daqueles que tinham orgulho em serem chamados de "rabi". Ele fora *de noite* se encontrar com o Mestre Verdadeiro[9] e talvez tenha feito isto porque lhe custava aprender. Ele que, comumente, ensinava.

Quanto a mim, me é mais doce ouvir as palavras de um mestre do que eu mesmo falar na qualidade de um deles.

Eu me lembro do que Cristo disse àqueles que ele tinha escolhido entre seus discípulos: "Não *vos façais chamar de mestres (rabis), porque só tendes um Mestre: o Cristo*[10]".

Foi ele, de fato e não outro, que instruiu Moisés, mesmo através da boca de Jetro. Foi ele que instruiu Cornélio pela boca de Pedro, o predecessor de Cornélio na fé. Foi ele que instruiu Pedro pela boca de Paulo, que só abriu os olhos depois do príncipe dos Apóstolos.

---

[8] João 3: 10.
[9] Cf. João 3: 1 e 2. Cf. Santo Agostinho. *O Mestre*.
[10] Mateus 23: 8 e 10.

Seja qual for aquele que ensina a verdade, ele só ensina graças Àquele que é a própria Verdade. Se então ignoramos ainda essas coisas, se não chegamos ainda a apreendê-las através da prece, nem pelas leituras, nem pela reflexão e o raciocínio, devemos julgar, com isto, não apenas o amor com que convém que ensinemos os ignorantes, mas também a humildade com a qual convém que nos deixemos nos instruir pelos doutores.

10

Ensine-me então, eu lhe peço, o que eu devo ensinar em seguida. Ensine-me uma doutrina certa e, supondo que as almas sejam criadas sucessivamente a cada nascimento humano, diga-me como, nas crianças, elas contraem a impureza que faz com que elas precisem dos sacramentos de Cristo.

Elas pecaram em Adão, de quem receberam a carne pecadora ou, se elas não pecaram, através de que justiça do Criador elas se tornaram solidárias com a falta alheia, a ponto de incorrerem na condenação por estarem unidas a corpos originários dessa descendência, a menos que a Igreja vá em socorro delas, pois não depende delas se aplicarem a graça do batismo?

É preciso então considerar como justamente condenadas os milhares de almas que deixam seus corpos infantis sem o benefício do sacramento do cristão?

Tiradas do nada pelo Criador e unidas recentemente pela vontade dele, sem nenhuma falta anterior da parte delas, aos corpos recém-nascidos que elas devem animar, Deus sabia muito bem que elas deixariam este mundo sem terem recebido o batismo de Cristo e sem que elas fossem privadas dele por culpa delas.

Como não poderíamos pensar que Deus obriga as almas ao pecado e que ele pune almas inocentes? Como, por outro lado, não poderíamos, sem incorrer em impiedade, negar que as almas, mesmo as das crianças, que saem deste mundo sem a graça do sacramento, têm a condenação como partilha, mostre-me, eu lhe peço, como defender a opinião que considera as almas, não como recebendo sua origem da alma do primeiro ser humano, mas como criadas para cada indivíduo.

11

Quanto às demais dificuldades levantadas contra esta opinião, creio poder superá-las facilmente.

Assim, por exemplo, há a objeção tirada do repouso do Senhor no sétimo dia. Se o Senhor pôs fim a todas as suas obras no sexto dia[11], como ele ainda cria outras almas?

[11] Cf. Gênesis 2: 2.

À resposta que você apresenta na carta citada acima e que você retirou do Evangelho __ *Meu Pai continua agindo até agora*[12] __, eles replicam dizendo que Deus não age ao criar novas substâncias, mas ao governar aquelas que ele já havia criado. Não fosse assim, o Evangelho contradiria o Livro do Gênesis, onde lemos da maneira mais clara que Deus pôs fim a todas as suas obras.

Se lá está escrito que Deus *descansou*, é preciso entender este descanso como sendo de toda criação nova e não do governo do mundo. Então, Deus acabara de criar seres que não existiam e foi a esta ação criadora que sucedeu o descanso. Ele pôs fim à criação de todos os seres que ele tinha resolvido, antes que eles existissem, chamar à existência e dos quais, depois, sairiam todos aqueles que ele se proporia produzir.

Não se trata mais então de uma criação propriamente dita e assim se concilia a verdade destas palavras da Escritura: *Tendo Deus terminado, no sétimo dia, a obra que tinha feito, descansou do seu trabalho*[13], com estas: *Meu Pai continua agindo até agora*, pois o Evangelho não pode estar em contradição com o Evangelho.

[12] João 5: 17.
[13] Gênesis 2: 2.

12

Os defensores desta explicação a apresentam para mostrar que Deus não cria novas almas, como ele criou a do primeiro ser humano e que ele as tira dessa alma única, como de uma fonte ou de um tesouro que ele teria uma vez criado.

Mas é fácil lhes responder que Deus, em seis dias, tirou elementos já criados em outros seres. Por exemplo: das águas, ele tirou os peixes e os pássaros; da terra, ele tirou as árvores, a relva e os animais.

Ora, é evidente que ele deu, nestes diversos casos, a existência, a seres que não a tinham de nenhuma maneira. Não havia, anteriormente, nenhum pássaro, nenhum peixe, nenhum astro, nenhum quadrúpede.

Ao lermos que *Deus descansou do seu trabalho*, temos razão em entender que ele deixou de produzir seres que antes não existiam e que ele não mais criou novos. Mas afirmar, como fazem, não que ele colocou as almas em uma espécie de tesouro, não que ele as produz como porções de sua substância, não que elas recebem a origem delas da alma única do primeiro ser humano, não que elas expiem, nessa prisão do corpo, crimes cometidos antes da existência desse corpo, mas que Deus cria as almas na medida em que nascem os indiví-

duos, isto não é ensinar que Deus faz uma coisa que ele não fez precedentemente.

No sexto dia, *Deus criou o ser humano à sua imagem*[14], o que explica a criação da alma racional. Isto, ele ainda faz agora. Não ao estabelecer o que não existia, mas ao multiplicar o que existe.

Por consequência, é verdadeiro dizer que ele deixou de estabelecer novas ordens de coisas. É igualmente verdadeiro acrescentar que ele *continua agindo até agora*. Não ao governar o que ele já estabeleceu, mas ao multiplicar as espécies já criadas.

Desta maneira ou de uma maneira análoga, refutamos a objeção tirada do descanso do sétimo dia e salvaguardamos a opinião segundo a qual acreditamos que são produzidas, mesmo no presente, almas recentemente criadas, como foi a de Adão, sem que a origem delas seja tirada desta.

13

Também se questiona: “Por que Deus cria almas de crianças que ele sabe que devem morrer logo?”

A isto podemos responder que Deus convence ou pune assim os pais por seus pecados.

[14] Gênesis 2: 27.

Mas podemos, com não menos razão, deixar essas coisas com a sabedoria Daquele que, sabemos, dirige, com uma ordem e uma harmonia admiráveis, o curso de todas as coisas temporais e, por consequência, o nascimento dos seres animados, assim como a morte deles. Não podemos penetrar esses segredos e se os penetrássemos, inefáveis alegrias seriam a nossa partilha.

Não foi sem motivo que o Profeta, a quem a inspiração ensinou coisas, disse de Deus, que ele “dirige com harmonia a marcha dos séculos”.

Assim, a música, que é a ciência ou a arte das modulações harmoniosas, é um dom da generosidade de Deus aos mortais que possuem almas racionais, com vistas a lembrá-los de importantes verdades. Se o compositor de uma peça de canto sabe muito bem de que maneira devem ser moduladas as vozes, para que o conjunto e a sucessão rápida dos sons produzam o efeito harmonioso que ele espera dela, quanto mais o Senhor, cuja sabedoria com a qual ele fez tudo o que existe está infinitamente acima de todas as artes, regulou os intervalos de tempo que separam os nascimentos e a morte dos seres animados, sílabas e palavras que compõem o mundo, de maneira a não seguirem mais rápida ou mais lentamente do que pede o efeito

harmonioso que deve produzir o maravilhoso concerto deste mundo perecível.

Eu poderia lhe falar dos *passarinhos* e dos *fios de cabelo* das nossas cabeças[15]. Com muito mais razão, isto é verdadeiro sobre o nascimento e a morte do ser humano, cuja vida, mais ou menos longa, está contida nos limites exatos que Deus, o ordenador supremo, sabe estar conformes com o que reclama a harmonia universal.

14

Dizem também que o que teve seu início no tempo não pode ser imortal. O que nasce morre, o que cresce declina e, por consequência, precisamos acreditar que, se a alma humana é imortal, é porque ela foi criada antes de todos os tempos.

Esta objeção não perturba também nossa fé. Limitando-me a esta resposta, não é verdade que a carne de Cristo teve seu início no tempo, mesmo que ela seja imortal e que a morte não deve mais ter domínio sobre ela?

[15] Cf. Mateus 10: 29 e 30 e Lucas 12: 6 e 7. *Não se vendem dois passarinhos por um asse? No entanto, nenhum cai por terra sem a vontade de vosso Pai. Até os fios de cabelo da vossa cabeça estão todos contados.*

15

Há outra dificuldade que atribuem a você. Em seu livro contra Rufino[16], parece, a certas mentes, indigno de Deus, dar almas às crianças nascidas de relações adúlteras. É por isto que eles se esforçam para atribuir aos méritos de uma existência anterior o decreto que atribui, a certas almas, este mundo, como uma espécie de prisão.

Esta dificuldade que eles levantam contra a opinião que defendemos me incomoda e me parece fácil resolvê-la de muitas maneiras. Você mesmo respondeu que, quando o cultivador semeia o trigo que ele roubou, a origem desse trigo não contamina o próprio trigo, mas aquele que o roubou e, porque o semeador o semeou com uma mão criminosa, isto não significa que a terra não deva germiná-lo em seu seio.

Antes de ter diante dos olhos esta comparação tão elegante, eu não sentia nenhum embaraço com relação à objeção que a provocou. Bastava-me a consideração geral de que Deus muitas vezes utiliza nossas iniquidades e nossas desordens para a execução de seus propósitos gerais.

Aos olhos de todo aquele que refletir sobre isto com senso e devoção, a criação de um ser vivo propicia ao Criador uma

[16] Livro III, último capítulo.

inefável glória. O quanto mais não será assim com a criação de um ser humano?

Se for perguntado qual é o motivo que determina Deus a criá-lo, a melhor e mais pronta resposta que se possa dar é a de que toda criatura de Deus é, somente por isto, boa.

Ora, o que há de mais digno de um Deus bom do que produzir seres igualmente bons e que nenhum ser, exceto Deus, poderia produzir?

16

Estas respostas e outras semelhantes, eu as apresento como sou capaz, aos adversários da opinião segundo a qual todo nascimento novo levaria à criação de uma alma nova.

Mas, quando é preciso chegar às penas infligidas às crianças, eu sinto, acredite em mim, terríveis embaraços e não encontro uma resposta satisfatória. Eu não falo apenas das penas que levam, após esta vida, à danação, que é inevitável àqueles que deixam este mundo sem a graça de Cristo, mas também às penas que são sofridas diante dos nossos olhos e já nesta vida.

Eu não vou enumerá-las, pois seria o tempo e não a matéria que me faltaria.

De fato, vemos esses pequenos seres sofrerem com a opressão das doenças, dilacerados pela dor, atormentados pela

fome e a sede, enfraquecidos em seus membros, privados dos sentidos, torturados pelos espíritos impuros. Seria preciso demonstrar que essas penas lhes foram justamente impostas, embora eles não tenham feito nada para merecê-las.

Não se pode dizer que essas coisas acontecem independes da vontade do Senhor, nem que ele seja incapaz de impedi-las ou que ele as permite e as ordene contra toda justiça. Dizemos, com fundamento, que os animais privados da razão foram colocados sob o domínio de seres superiores em dignidade, mesmo que maus e o Evangelho nos mostra porcos entregues às vontades de demônios[17].

Ora, devemos concluir disto o mesmo com relação aos seres humanos? Eles são animais racionais, embora mortais. Há uma alma racional nesses membros submetidos a tantas dores e tormentos.

Deus é bom, é justo e é misericordioso e duvidar disto seria uma insanidade.

Que nos digam então a justa causa dessas provações tão dolorosas que sofrem as criancinhas. Quando são adultos que as suportam, temos o costume de responder que é Deus quem prova as virtudes deles, como ele fez com Jó ou que ele pune seus crimes, como ele fez com Herodes.

[17] Cf. Mateus 8: 29-31.

Estes exemplos, sobre os quais o Senhor não deixou planar nenhuma dúvida, nos permitem compreender os casos do mesmo gênero, mas somente com relação aos adultos. Mas com relação às crianças, o que responder, eu lhe pergunto, se, diante de tão grandes sofrimentos, não encontramos nelas nenhum pecado a punir e, certamente, nessa idade, não é preciso procurar, nas crianças, faltas dignas de castigos.

17

O que direi sobre a diversidade das inteligências, para não dizer da insensibilidade delas. Velada nas crianças, embora contemporânea ao nascimento delas, ela se mostra quando elas cresceram, embora algumas sejam pesadas e obtusas, a ponto de não aprenderem os primeiros elementos da gramática. Outras são tão tolas que mal diferem dos animais. Daí o título de idiotas[18] que é dado a elas.

Responderão: “São os temperamentos delas a causa disto”.

Mas, será verdade que, de acordo com a opinião à qual nos opomos, a alma escolheu seu corpo e se enganou nessa escolha?

[18] *Moriones*: De *μωρός* (*morós*), idiota, monstro (Gaffiot).

Ou então, obrigada a escolher um, por causa do momento do nascimento, com a multidão das almas tendo se apoderado dos outros corpos, ela não encontrou nada melhor e teve que se contentar, como em um espetáculo, não com o que ela desejou, mas com o que lhe coube?

É permitido dizer essas coisas e devemos adotar tais opiniões?

Diga-nos então o que convém dizer, o que convém pensar, para que possamos ter clareza sobre a origem das almas e suas relações com os corpos aos quais foram unidas.

18

Eu já disse algumas palavras, não sobre a diversidade das inteligências, mas sobre as provações das crianças nesta vida, em meu tratado sobre O Livre Arbítrio. Eu lhe confesso, no entanto, que não encontro uma solução satisfatória para as dificuldades que me ocupam neste momento. Permita-me colocar diante dos seus olhos a passagem do terceiro livro, ao qual fiz alusão.

Há uma objeção mais forte e que parece mais simpática. As pessoas frequentemente se questionam sobre os tormentos físicos que afligem crianças que, por causa de sua idade, não pecaram (presumindo que as almas que animam seus corpos

não existiram antes das próprias crianças). "Que mal elas fizeram para merecerem tal sofrimento?"

Como se existisse mérito na inocência de alguém que ainda não pode fazer qualquer mal! Já que Deus atinge o bem corrigindo os adultos através do sofrimento e a morte das crianças que lhes são queridas, por que não poderiam essas coisas acontecerem? Uma vez que o sofrimento tenha passado, será para as crianças como se elas nunca tivessem sofrido. E, como para os adultos, por cuja culpa elas sofrem, elas serão melhores, tendo aprendido com as adversidades temporais a escolher uma vida correta e não terão desculpas para evitar sua punição no julgamento que virá, já que se recusaram a deixar a angústia desta vida para direcionarem seu desejo para a vida eterna.

Quem sabe o que está reservado para essas crianças, cujo sofrimento derrete os corações duros de seus pais, fortalece sua fé e testa sua misericórdia?

Quem sabe que recompensa Deus preparou para elas nas profundezas ocultas de seus julgamentos? Pois, embora seja verdade que elas nunca agiram justamente, elas sofreram sem pecar. Não é sem razão que a Igreja celebra como

mártires as crianças que foram mortas quando Herodes pediu a vida do Senhor Jesus Cristo[19].

19

Isto foi o que eu escrevi então, para defender a opinião que tratamos hoje. Como eu mencionei há pouco, seja qual for aquela das quatro opiniões controversas que mencionei sobre a encarnação da alma que deva ser preferida, o que eu me propus, acima de tudo, foi salvaguardar a natureza divina e mostrar que não há nada em comum entre sua santidade e os nossos pecados.

Consequentemente, minha intenção então não chegou ao ponto de me preocupar com aquelas opiniões que a verdade poderia me obrigar a repudiar, porque, todas as coisas bem ponderadas e seriamente examinadas, qualquer que fosse a que prevalecesse sobre as outras, eu não fui, de forma alguma, afetado, pois a tese que mais me interessava foi colocada fora de qualquer discussão.

Agora, pelo contrário, eu gostaria, se fosse possível, de escolher, entre as opiniões, aquela que é a mais racional e é por isto que, na citação que acabei de fazer, eu não encontro, ao

[19] Livro III, cap. XXIII, § 68.

examinar com cuidado, nenhuma razão demonstrativa em favor da opinião que tentamos estabelecer.

20

Há muita coisa favorável a esta opinião nas seguintes palavras: Quem sabe o que está reservado para essas crianças, cujo sofrimento derrete os corações duros de seus pais, fortalece sua fé e testa sua misericórdia?

Estas palavras me parecem muito justamente aplicáveis às crianças que sofreram, sem terem consciência, pelo nome de Cristo e por sua religião ou então àqueles que receberam o sacramento do Senhor e que entraram na sociedade do Mediador que é o único que pode nos livrar da danação. Compreende-se que Deus possa reservar uma recompensa desta natureza a essas crianças, em troca dos sofrimentos que elas suportaram neste mundo.

Por outro lado, a questão levantada só será completamente resolvida com a condição de se dizer qual recompensa está reservada às crianças que, depois de terem sofrido horrivelmente, morrem sem terem sido colocadas, pelo sacramento, na sociedade de Cristo e estão, assim, sob o golpe da danação.

A propósito do batismo das crianças, eu dei, na mesma obra, uma resposta, senão completa, ao menos tal como reclamava o objetivo proposto, ou seja, que o batismo produz todos

os seus efeitos mesmo em crianças que não têm conhecimento e que ignoram a fé delas. Mas eu não pensei em falar da danação das crianças que saem deste mundo sem terem recebido o batismo, porque a questão então tratada era diferente da questão que nos ocupa agora.

21

Podemos muito bem insistir nos sofrimentos que passam rapidamente e que, uma vez passados, não voltam mais. Podemos muito bem não atribuir importância a eles. Mas podemos tratar da mesma forma o que diz a Escritura: *Por um homem veio a morte, por um homem vem a ressurreição dos mortos. Assim como em Adão todos morrem, assim em Cristo todos reviverão*[20]?

Ressalta claramente destas apostólicas e divinas palavras que ninguém vai à morte se não for através de Adão e que ninguém também vai à vida eterna se não for através de Cristo. A repetição da palavra *todos* prova isto claramente.

Assim como todas as pessoas estão ligadas a Adão pelo primeiro nascimento, ou seja, pela geração carnal, da mesma forma, todos aqueles que pertencem a Cristo devem a ele o segundo nascimento, ou seja, a geração espiritual.

[20] I Coríntios 15: 21 e 22.

O Apóstolo fala de *todos* em ambos os casos. *Todos* os que morrem, só morrem por causa de Adão. *Todos* os que chegarão à vida, só chegarão a ela através de Cristo.

Por causa disto, todo aquele que nos disser que é possível ser vivificado no dia da ressurreição de outra maneira que não seja através de Cristo, nós o veremos como um flagelo da nossa fé comum. Da mesma forma, todo aquele que disser que as crianças que saem deste mundo sem terem recebido a graça do sacramento serão vivificadas em Cristo, este contradiz abertamente as palavras do Apóstolo e condena a Igreja inteira, onde se apressa em apresentar ao batismo as criancinhas, porque se acredita muito firmemente que elas não podem, absolutamente, receber a vida de Cristo por outro meio.

Ora, aquele que não é vivificado em Cristo, permanece na condenação de que fala o Apóstolo: *Pelo pecado de um só a condenação se estendeu a todo o gênero humano*[21].

Que as crianças estejam contaminadas por este pecado, a Igreja inteira professa e você mesmo, em sua controvérsia com Joviniano e em seu Comentário ao Livro do Profeta Jonas, como eu disse antes, estabeleceu muito exatamente e muito verdadeiramente. Você também o fez, me parece, em várias pas-

[21] Romanos 5: 18.

sagens de suas obras que eu pude ler ou de que, atualmente, eu me lembro.

É dessa condenação à qual estão submetidas as criancinhas que eu procuro agora a razão. Se é verdade que as almas nascem em proporção aos nascimentos, eu não vejo nelas, nessa idade, nenhum pecado e, por outro lado, eu não creio que Deus condene uma alma na qual ele não vê pecado de nenhum tipo.

22

Talvez se diga que não há, na criança, outra razão para o pecado além da própria carne, que, se uma alma recentemente criada está unida a ela, é para que, ao se conformar aos mandamentos divinos e ajudada pela graça de Cristo, ela possa domar a carne, subjugá-la e adquirir o mérito de uma vida pura.

Mas a alma na criança só pode conseguir isto com a condição de ter recebido o sacramento de Cristo. É à graça deste sacramento que a carne deve a pureza que a criança ainda é incapaz de adquirir com seus próprios costumes.

Se a alma da criança deixa este mundo sem ter recebido este sacramento, ela estará na vida eterna, já que nenhum pecado pôde separá-la dela e a carne será a única a não ressusci-

tar em Cristo, por não ter recebido seu sacramento antes de morrer?

23

Eu jamais ouvi ser formulada e jamais ouvi ser expressa esta opinião. O que eu ouvi, o que eu acredito e o que eu proclamo de bom grado é que, quando chegar *a hora em que todos os que se acham nos sepulcros sairão deles ao som de sua voz, os que praticaram o bem irão para a ressurreição da vida e aqueles que praticaram o mal ressuscitarão para serem julgados*[22].

Sobre esta ressurreição, é dito: *Por um homem vem a ressurreição dos mortos*[23].

No dia dessa ressurreição, aqueles que ressuscitarão, é *em Cristo* que *reviverão*[24]. E, pelo contrário, *aqueles que praticaram o mal ressuscitarão para serem julgados*.

O que é que se aplica, nesta passagem, às crianças mortas sem o batismo, antes de terem podido fazer qualquer mal ou qualquer bem?

Não se trata delas aqui de nenhuma maneira. Se a carne delas não deve ressuscitar, porque elas não fizeram nenhum

[22] João 5: 28 e 29.
[23] 1 Coríntios 15: 21.
[24] I Coríntios 15: 22.

bem e nenhum mal, as crianças que, depois de terem recebido a graça do batismo, morreram na idade em que não se é capaz de praticar o mal e nem o bem, não ressuscitarão também.

Mas, se elas devem, no entanto, ressuscitar entre os santos, ou seja, entre aqueles que praticaram o bem, entre quem ressuscitarão as outras, senão entre aqueles que praticaram o mal?

A não ser que algumas almas não devem recuperar seus corpos por nenhuma dessas ressurreições: nem pela da vida e nem por aquela do julgamento.

Ora, há nesta opinião, colocando qualquer refutação à parte, uma novidade que desagrada.

Quem concordaria então que os pais se apressassem em batizar seus filhos acreditando que recorrem ao batismo por causa de seus corpos e não de suas almas?

O bem-aventurado Cipriano não inventou um decreto novo. Ele afirmou a fé que sempre foi acreditada na Igreja, quando ele disse __ em resposta àqueles que afirmavam que não se devia batizar as crianças antes do oitavo dia depois do nascimento __ que isto não era evitar a perda de seus corpos, mas de suas almas. Ele era da opinião, como muitos dos seus irmãos no episcopado, que se podia licitamente dar o batismo a uma criança logo após seu nascimento.

24

Além disto, é livre a cada um pensar o que quiser sobre esta opinião de São Cipriano, em que este grande homem pôde ver as coisas de maneira diferente do que pareciam. Mas que ninguém altere a doutrina bem clara dos Apóstolos, segundo a qual o pecado de um só causou a condenação a nós *todos*, condenação da qual somos libertados pela graça de Deus, que Jesus Cristo nos fez merecer e em somente em quem são vivificados todos aqueles que são vivificados. Que ninguém toque neste artigo fundamental da fé da Igreja, pois, se as crianças fossem apresentadas ao batismo com vistas aos corpos delas, também se poderia, justamente, apresentar a ele os cadáveres.

25

Sendo assim, resta então procurar e encontrar por que razão as almas criadas por ocasião dos nascimentos que acontecem são condenadas, se a morte atingir as crianças a quem elas pertencem antes que elas tenham recebido o sacramento de Cristo.

Que elas sejam condenadas, nos casos em que elas se separam assim dos corpos, as Santas Escrituras e a Igreja o declaram. Se esta opinião da criação sucessiva das almas não fere

este artigo fundamental da nossa fé, eu a adoto de bom grado, mas se ela o fere, evite admiti-la.

26

E que não venham me dizer que é preciso ver uma confirmação desta opinião nas seguintes passagens das Escrituras: *Oráculo do Senhor que formou o espírito que o ser humano tem dentro de si*[25] e: *Ele formou o coração de cada um*[26].

São necessários testemunhos irrepreensíveis, razões invencíveis que não o obriguem a ver, na sentença do Senhor, uma condenação que se aplica às almas que não cometeram nenhuma falta.

Ou então, formar diz tanto quanto criar ou diz menos.

No entanto, está escrito: *Ó meu Deus, criai em mim um coração puro!*[27] Seguramente, isto não significa que a alma, nesta passagem, deseja ser criada antes que ela existisse em algum grau.

Da mesma forma então que, já existindo, ela recebe, com a justiça que a renova, um tipo de criação, assim também, ela recebe, mesmo já existindo, uma forma nova, com a doutrina do Senhor.

[25] Zacarias 12: 1.
[26] Salmo 032: 015.
[27] Salmo 050: 012.

Nem esta outra passagem, tirada do Livro do Eclesiastes: *Antes que a poeira retorne à terra para se tornar o que era e antes que o espírito retorne a Deus, que o deu*[28], confirma a opinião que queremos rejeitar. Ela favorece mais a opinião segundo a qual todas as almas descendem de uma única alma.

A poeira, observam os defensores desta opinião, retorna *à terra para se tornar o que era*. No entanto, a carne, que é tratada nesta passagem, não retorna à pessoa que lhe deu a existência. Ela retorna *à terra* da qual a primeira pessoa saiu. Da mesma forma, *o espírito* que veio do espírito da primeira pessoa não retorna a Adão, mas *a Deus*, que dotou a primeira pessoa com este *espírito*.

Todavia, esta passagem, embora pareça favorecer os nossos adversários, não o faz de forma tão absoluta que prejudique, sob todos os pontos de vista, a opinião que eu preferiria defender.

Eu aconselho sua sabedoria a não recorrer a estes testemunhos para dissipar minhas dificuldades.

Por mais que desejemos que uma coisa seja verdadeira, o desejo não a torna verdadeira se ela não o for. No que me diz respeito, se fosse possível, gostaria que esta opinião fosse a

[28] Eclesiastes 12: 7.

verdadeira, tal como gostaria que a defendesse com clareza e força invencível, se é que se trata de uma opinião.

27

Além disto, a opinião que supõe as almas preexistentes e criadas na origem das coisas, para serem enviadas, mais tarde, aos corpos mortais, não escapa desta dificuldade. Aos partidários desta opinião deve ser encaminhada a seguinte questão: "Com as almas chegando, por obediência e sem impureza, aonde Deus as envia, como acontece de elas serem punidas, se elas saírem deste mundo e do corpo das criancinhas sem terem recebido o batismo?"

Assim, a mesma dificuldade surge em ambas as opiniões. Aqueles que se livram dela mais facilmente são aqueles que afirmam que as almas só são unidas aos corpos em consequência do que elas mereceram em uma vida anterior. Para eles, morrer em Adão é sofrer um castigo na carne nascida de Adão, do qual, acrescentam, a graça de Cristo liberta os pequenos e os grandes.

É muito verdadeiro, muito justo e excelente dizer que a graça de Cristo liberta do pecado tanto os pequenos como os grandes. Mas que as almas tenham pecado em uma vida anterior e que, por punição, elas são precipitadas em prisões de

carne, nisto eu não acredito, isto eu não aceito, isto eu não admito de nenhuma maneira.

Em primeiro lugar, os defensores desta opinião imaginam não sei que desvios inextricáveis. É só depois de não sei quantos séculos que as almas chegam a esta massa de carne que elas devem animar por punição às suas faltas. Esta é uma explicação que repugna além de todos os limites.

Depois, se esta opinião for fundamentada, não haverá justo por quem não se tema, depois desta vida, que peque mesmo junto a Abraão e que não seja precipitado nas chamas, que foram a partilha do rico mau[29]. Se se pode pecar antes desta existência corpórea, por que não se poderia depois dela?

Por fim, uma coisa é ter pecado em Adão, pois foi nele, como diz o Apóstolo, que *todos pecaram*[30]. E outra coisa é ter pecado fora de Adão, em não se sabe onde, em punição do qual se seria fechado em uma carne saída de Adão, como em um calabouço.

Quanto à opinião que faz derivar todas as almas de uma só, eu só a discutirei se for necessária. Queira Deus que você defenda aquela que nos interessa, supondo que ela expressa a

[29] Cf. Lucas 16: 19-31.
[30] Romanos 5: 12.

verdade e de uma maneira tal que qualquer discussão posterior se torna supérflua!

28

Seguramente, eu desejo, eu anseio ardentemente e, com todo o coração, eu peço com súplicas, ansiando que o Senhor se sirva de você para dissipar minha ignorância sobre esta matéria.

Contudo, se eu for indigno disto ___ Deus me livre! ___ eu conjurarei o Senhor nosso Deus para me conceder a paciência.

Nossa fé nele é tal que, se ele recusar nos abrir a porta na qual batemos, não devemos murmurar contra ele.

Eu me lembro das palavras que ele dirigiu aos Apóstolos: *Muitas coisas ainda tenho a vos dizer, mas não as podeis suportar agora*[31].

Talvez aconteça o mesmo com a questão presente, no que me diz respeito. Não vou me deixar levar pela minha indignidade neste assunto, por medo de me tornar ainda mais indigno ao fazê-lo.

Há muitas questões semelhantes que eu não poderia indicar ou enumerar e, sobre as quais, minha ignorância é também completa. Eu me resignaria sem esforço com a ignorância

[31] João 16: 12.

sobre a presente questão, se eu não temesse que, em favor de uma destas opiniões, se infiltrasse, em minha mente muito confiante, erros que atacam alguns dos artigos da nossa fé.

Antes de conhecer aquela que merece a preferência, o que eu não hesito em declarar ousadamente, é que a opinião verdadeira não tem nada de contrário ao ponto sólido e inatacável da doutrina da Igreja de Cristo. Doutrina segundo a qual, as próprias crianças, seja em que idade for, não são livres da danação e só podem ser livres dela pela graça do nome de Cristo. Graça que nos é concedida através de seus sacramentos.

Índice

Créditos 2

Tratado sobre a origem da alma humana 3

Carta 166 – De Santo Agostinho a São Jerônimo. Ano 414-415. 3

01 3

02 4

03 6

04 8

05 11

06 12

07 13

08 15

09 16

10 18

11 19

12 21

13 22

14 24

15 25

16 26

17 28

18 29

19 31

20 32

21 33

22 35

23 36

24 38

25 38

26 39

27 41

28 43

Índice 45